

d

QUETZAL. Ave trepadora da América Central,
que morre quando privada de liberdade;
raiz e origem de Quetzalcoatl (serpente
emplumada com penas de quetzal), divindade
dos Toltecas, cuja alma, segundo reza a lenda, teria
subido ao céu sob a forma de Estrela da Manhã.




Quando Marisa, aturdida,
saciada, sentiu, sem poder evitar,
que mergulhava num sono
irresistível, conseguiu dizer a si
própria que durante toda aquela
extraordinária experiência
que acabava de acontecer nem
ela nem Chabela – que parecia
agora também arrebatada
pelo sono – tinham trocado
uma única palavra.

Mario Vargas Llosa

Cinco Esquinas

primeiro capítulo

Tradução de Cristina Rodriguez
e de Artur Guerra

 QUETZAL série américas | Mario Vargas Llosa

Título: Cinco Esquinas – primeiro capítulo

Título original: Cinco Esquinas

Autor: Mario Vargas Llosa

Tradução: Cristina Rodriguez e Artur Guerra

Revisão: Carlos Pinheiro e Teresa Machado

Design da capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores

Fotografia da capa: © Leander Baerenz / GettyImages

Composição: José Campos de Carvalho

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.

Unidade Industrial da Maia

© 2016 Quetzal Editores e Mario Vargas Llosa

[Todos os direitos para publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa PORTUGAL

quetzal@quetzaleditores.pt

Tel. 21 7626000

Este livro não pode ser comercializado.



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

1

O sonho de Marisa



TINHA ACORDADO OU CONTINUAVA A SONHAR? Aquele calorzinho no peito do pé direito estava sempre ali, uma sensação insólita que lhe eriçava todo o corpo e lhe revelava que não estava sozinha na cama. As recordações surgiam em tropel na sua cabeça, mas iam-se ordenando como palavras-cruzadas que se preenchem lentamente. Depois do almoço tinham estado divertidas e um pouco alegres por causa do vinho, passando do terrorismo aos filmes e aos mexericos sociais, quando, de repente, Chabela olhou para o relógio e se pôs de pé de um salto, pálida: «O toque de recolher! Meu Deus, já não me vai dar tempo de chegar a La Rinconada! Não nos apercebemos das horas!» Marisa insistira para que ficasse a dormir com ela. Não haveria problema — Quique tinha partido para Arequipa por causa da reunião de direção logo de manhã cedo na fábrica de cervejas —, eram donas do apartamento do Golf. Chabela ligou para o marido, Luciano, sempre tão compreensivo, que disse que não havia inconveniente, que ele se encarregaria de que as duas meninas sássem pontualmente para apanhar o autocarro do colégio. Que Chabela ficasse mesmo em casa de Marisa, isso era preferível a ser detida por uma patrulha se infringisse o toque

de recolher. Maldito toque de recolher. Mas, claro, o terrorismo era pior.

Chabela ficara a dormir e, agora, Marisa sentia a planta do pé dela sobre o peito do seu pé direito: uma leve pressão, uma sensação suave, morna, delicada. Como é que tinha acontecido estarem tão perto uma da outra naquela cama de casal tão grande que, ao vê-la, Chabela brincara: «Mas, vamos lá ver, Marisita, queres-me dizer quantas pessoas é que dormem nesta cama gigante?» Lembrou-se de que ambas se tinham deitado nos seus respetivos cantos, separadas pelo menos por meio metro de distância. Qual delas havia deslizado tanto no sono ao ponto de o pé de Chabela estar agora poisado sobre o peito do seu pé?

Não se atrevia a mexer-se. Aguentava a respiração para não acordar a amiga, não fosse ela retirar o pé e desaparecer aquela sensação tão grata que, do peito do seu pé, se expandia pelo resto do corpo e a mantinha tensa e concentrada. Pouco a pouco foi entrevendo, na escuridão do quarto, algumas ranhuras de luz nas persianas, a sombra da cómoda, a porta do quarto de vestir, a da casa de banho, os retângulos dos quadros das paredes, o deserto com a serpente-mulher de Tilsa, a câmara com o totem de Szyszlo, o candeeiro de pé, a escultura de Berrocal. Fechou os olhos e escutou: muito fraca, mas ritmada, era assim a respiração de Chabela. Estava a dormir, talvez a sonhar, e fora ela então, sem dúvida, quem se aproximara durante o sono do corpo da sua amiga.

Surpreendida, envergonhada, perguntando-se de novo se estava acordada ou a sonhar, Marisa tomou por fim consciência

do que o seu corpo já sabia: estava excitada. Aquela delicada planta do pé a aquecer-lhe o peito do pé acendera-lhe a pele e os sentidos e, de certeza, se deslizasse uma das suas mãos por entre as coxas iria encontrá-la molhadinha. «Estás maluca?», disse para si própria. «Excitares-te com uma mulher? Como é que é isso, Marisita?» Tinha-se excitado sozinha muitas vezes, claro, e tinha-se masturbado também às vezes, esfregando uma almofada entre as pernas, mas sempre a pensar em homens. Que ela se recordasse, com uma mulher, jamais! No entanto, agora estava a tremer dos pés à cabeça e com uma vontade louca de que não só os seus pés se tocassem como também os seus corpos, e sentisse, como aquele peito do pé, por todo o lado a proximidade e o calor morno da amiga.

Movendo-se muito ligeiramente, com o coração agita-díssimo, simulando uma respiração que se parecesse com a do sono, virou-se um pouco de lado, de modo que, mesmo não lhe tocando, sentiu que agora sim, estava apenas a milímetros das costas, das nádegas e das pernas de Chabela. Ouvia melhor a respiração dela e julgava sentir um bafo recôndito que emanava daquele corpo tão próximo, chegava até ela e a envolvia. Apesar de tudo, como se não se apercebesse do que fazia, moveu muito lentamente a mão direita e poisou-a sobre a coxa da sua amiga. «Bendito toque de recolher», pensou. Sentiu que o seu coração se acelerava: Chabela ia acordar, ia retirar-lhe a mão: «Afasta-te, não me toques, estás maluca? O que é que te deu?» Mas Chabela não se mexia e parecia sempre mergulhada num sono profundo. Sentiu-a inspirar e expirar, teve a impressão de que aquele ar

vinha na sua direção, entrava-lhe pelas narinas e pela boca e lhe aquecia as entranhas. Por momentos, no meio da sua excitação — que absurdo! — pensava no toque de recolher, nos apagões, nos sequestros — sobretudo o de Cachito — e nas bombas dos terroristas. Que país, que país!

Sob a sua mão, a superfície daquela coxa era firme e suave, ligeiramente húmida, talvez devido à transpiração ou a algum creme. Será que Chabela tinha posto antes de se deitar algum dos cremes que Marisa tinha na casa de banho? Ela não a vira despir-se; emprestou-lhe uma camisa de dormir das suas, muito curta, e ela tinha-se mudado no quarto de vestir. Quando voltou ao quarto, Chabela já a trazia vestida; era semitransparente, deixava-lhe os braços, as pernas e um pouco da nádega despidos, e Marisa recordava ter pensado: «Que corpo bonito, como está bem conservada apesar das duas filhas, são as idas ao ginásio três vezes por semana.» Tinha continuado a mover-se milimetricamente, sempre com o receio crescente de acordar a amiga; agora, aterrada e feliz, sentia que, por momentos, ao ritmo da sua respetiva respiração, partes da coxa, nádega, das pernas de ambas se roçavam e, logo a seguir, se afastavam. «Ainda acaba por acordar, Marisa, estás a fazer uma loucura.» Mas não retrocedia e continuava a esperar — o que é que esperava? —, como que em transe, o próximo toque fugaz. A sua mão direita continuava pousada na coxa de Chabela, e Marisa apercebeu-se de que tinha começado a transpirar.

Nisto, a sua amiga mexeu-se. Julgou que o seu coração ia parar. Por uns segundos deixou de respirar; fechou os olhos

com força, simulando dormir. Chabela, sem se mover do sítio, tinha levantado o braço e agora Marisa sentiu que sobre a sua mão apoiada na coxa dela se poisava a mão de Chabela. Retirar-lha-ia bruscamente? Não, pelo contrário, com suavidade, dir-se-ia até que com carinho, Chabela, entrecruzando os seus dedos nos dela, arrastava agora a mão com uma leve pressão, sempre colada à pele, para o meio das suas pernas. Marisa nem acreditava no que estava a acontecer. Sentia nos dedos da mão que Chabela agarrava os pelos de um púbis ligeiramente levantado e a concavidade molhada, palpitante, contra a qual ela a pressionava. Tremendo dos pés à cabeça, Marisa pôs-se de lado, encostou os seios, o ventre, as pernas contra as costas, às nádegas e pernas da amiga, ao mesmo tempo que com os seus cinco dedos lhe esfregava o sexo, tentando localizar o pequeno clítoris, esgravatando, separando aqueles lábios molhados do seu sexo inchado pela ansiedade, sempre guiada pela mão de Chabela, a quem também sentia a tremer, acoplando-se ao seu corpo, ajudando-a a enredar-se e a fundir-se com ela.

Marisa mergulhou a cara no emaranhado de cabelos que separava com movimentos de cabeça, até encontrar o pescoço e as orelhas de Chabela, e agora beijava-as, lambia-as e mordiscava com prazer, já sem pensar em nada, cega de felicidade e de desejo. Uns segundos ou minutos depois, Chabela tinha dado a volta e ela mesma lhe procurava a boca. Beijaram-se com avidez e desespero, primeiro nos lábios e, depois, abrindo as bocas, confundindo as suas línguas, trocando as suas salivas, enquanto as mãos de cada uma tiravam — arrancavam — à outra a camisa de dormir até ficarem

nuas e enredadas; giravam de um lado para o outro, acariciando os seios, beijando-os, e depois as axilas e os ventres, enquanto cada uma trabalhava o sexo da outra e sentiam-nos palpitar num tempo sem tempo, tão infinito e tão intenso.

Quando Marisa, aturdida, saciada, sentiu, sem poder evitar, que mergulhava num sono irresistível, conseguiu dizer a si própria que durante toda aquela extraordinária experiência que acabava de acontecer nem ela nem Chabela — que parecia agora também arrebatada pelo sono — tinham trocado uma única palavra. Quando mergulhava num vazio sem fundo pensou de novo no toque de recolher e julgou ouvir uma explosão distante.

Horas mais tarde, quando acordou, a luz acinzentada do dia entrava pelo quarto um pouco coada pelas persianas e Marisa estava sozinha na cama. A vergonha estremecia-a dos pés à cabeça. Aquilo tinha verdadeiramente acontecido? Não era possível, não, não. Mas sim, claro que tinha acontecido. Ouvia então um barulho na casa de banho e, assustada, fechou os olhos, simulando dormir. Entreabriu-os e, através das pestanas, avistou Chabela já vestida e arranjada, prestes a partir.

— Marisita, mil perdões, acordei-te. — Ouvia-a dizer, com a voz mais natural do mundo.

— Que ideia! — balbuciou, convencida de que mal se lhe ouvia a voz. — Já te vais embora? Não queres tomar antes o pequeno-almoço?

— Não, querida — respondeu-lhe a amiga: a ela, sim, não lhe tremia a voz nem parecia incómoda; estava como

sempre, sem o menor rubor nas faces e um olhar absolutamente normal, sem pitada de malícia nem picardia nos seus grandes olhos escuros e com o cabelo preto um pouco alvoroçado. — Vou a correr para apanhar as miúdas antes de elas saírem da escola. Mil agradecimentos pela hospitalidade. Depois falamos, um beijinho.

Atirou-lhe um beijo da porta do quarto e foi-se embora. Marisa encolheu-se, espreguiçou-se, esteve quase a levantar-se, mas voltou a encolher-se e a tapar-se com os lençóis. Claro que aquilo tinha acontecido, e a melhor prova disso é que estava nua, e a sua camisa de dormir enrugada, meio caída da cama. Levantou os lençóis e riu-se vendo que a camisa de dormir que tinha emprestado a Chabela estava também ali, um montinho aos seus pés. Irrompeu num riso que parou de repente. Meu Deus, meu Deus. Sentia-se arrependida? De todo. Que grande presença de espírito tem Chabela! Teria ela feito destas coisas, antes? Impossível. Conheciam-se há tanto tempo, sempre haviam contado tudo uma à outra, se Chabela tivesse tido alguma vez uma aventura desta índole ter-lha-ia confessado. Ou será que não? A amizade delas mudaria por isto? Claro que não. Chabelita era a sua melhor amiga, mais que uma irmã. Como seria dali em diante a relação entre as duas? A mesma de antes? Agora tinham um segredo tremendo para partilhar. Meu Deus, meu Deus, não conseguia acreditar que aquilo tivesse acontecido. Toda a manhã, enquanto tomava banho, se vestia, tomava o pequeno-almoço, dava instruções à cozinheira, ao mordomo e à empregada, revolteavam-lhe na cabeça as mesmas perguntas: «Fizeste o que fizeste,

Marisita?» E o que aconteceria se Quique viesse a saber que ela e Chabela tinham feito o que fizeram? Ficaria zangado? Faria uma cena de ciúmes como se ela o tivesse traído com um homem? Contar-lhe-ia? Não, nunca na vida, mais ninguém podia saber daquilo, que vergonha! E ainda estava assim por volta do meio-dia quando Quique chegou de Arequipa e lhe trouxe os imprescindíveis docinhos de La Ibérica e o saco de *rocotos*¹, enquanto o beijava e lhe perguntava como é que tinha corrido a reunião de direção da fábrica de cervejas — «Bem, bem, *gringuita*, decidimos deixar de mandar cervejas para Ayacucho, não compensa, as percentagens que os terroristas e os pseudoterroristas nos pedem estão a arruinar-nos —, ela continua a interrogar-se: «É porque é que Chabela não fez a menor alusão e se foi embora como se nada tivesse acontecido? Porque é que haveria de ser, tonta? Porque ela também morria de vergonha, não queria dar-se como entendida e preferia disfarçar, com se nada tivesse acontecido. Mas tinha acontecido, sim, Marisita. Voltaria a acontecer outra vez ou nunca mais?»

Esteve toda a semana sem se atrever a telefonar a Chabela, esperando ansiosa que ela lhe telefonasse. Que estranho! Nunca tinham passado tantos dias sem se verem ou se falarem. Ou, talvez, pensando bem, não fosse tão estranho: devia sentir-se tão desconfortável como ela, e de certeza que aguardava que Marisa tomasse a iniciativa. Ter-se-ia zangado?

¹ Fruto muito picante parecido com o pimento. É usado, por exemplo, na preparação do *rocoto* recheado, em Arequipa, e do *cebiche*, que é o prato nacional do Peru. (*N. dos T.*)

Mas, porquê? Não havia sido Chabela a dar o primeiro passo. Ela só lhe tinha posto uma mão na perna, podia ser algo casual, involuntário, sem má intenção. Fora Chabela quem lhe pegara na mão e fizera com que lhe tocasse ali e a masturbasse. Que audácia! Quando chegava àquele pensamento vinha-lhe uma vontade louca de se rir e um ardor nas faces que deviam ter ficado coradíssimas.

Esteve assim o resto da semana, meio ausente, concentrada naquela lembrança, sem quase se aperceber de que ia fazendo a rotina marcada pela sua agenda, as aulas de italiano em casa de Diana, o chá das tias dedicado à sobrinha de Margot que finalmente se casava, dois almoços de trabalho com os sócios de Quique que eram convites com mulheres, a visita obrigatória aos pais para tomar chá, o cinema com a prima Matilde, um filme a que não prestou a menor atenção porque aquilo não lhe saía um instante da cabeça e, de vez em quando, ainda se interrogava se não teria sido um sonho. E aquele almoço com as colegas de escola e a conversa inevitável, que ela pouco seguia, sobre o pobre Cachito, sequestrado há cerca de dois meses. Diziam que tinha vindo de Nova Iorque um especialista da companhia de seguros para negociar o resgate com os terroristas e que a pobre Nina, a mulher, estava a fazer terapia para não enlouquecer. Andava distraída a tal ponto que, numa daquelas noites, Enrique fez amor com ela e de repente reparou que o marido se desentusiasmava e lhe dizia: «Não sei o que é que tu tens, *gringuita*, acho que em dez anos de casamento nunca te vi tão esmorecida. Será por causa do terrorismo? O melhor é dormirmos.»

Na quinta-feira, exatamente uma semana depois daquilo que tinha ou não tinha acontecido, Enrique voltou do escritório mais cedo do que de costume. Estavam a tomar um whisky sentados no terraço, a ver o mar de luzinhas de Lima aos seus pés e a falar, é claro, do tema que obcecava todos os lares naqueles dias, os atentados e sequestros do Sendero Luminoso e do Movimento Revolucionário Túpac Amaru, os apagões de quase todas as noites, devido aos rebentamentos das torres elétricas que deixavam bairros inteiros da cidade nas trevas, e as explosões com que os terroristas acordavam os limenhos à meia-noite e ao amanhecer. Estavam a recordar ter visto daquele mesmo terraço, há uns meses, acender-se a meio da noite, numa das colinas do horizonte, as tochas que formavam uma foice e um martelo, como uma profecia do que aconteceria se os do Sendero ganhassem aquela guerra. Enrique dizia que a situação se estava a tornar insustentável para as empresas, as medidas de segurança aumentavam os custos de uma maneira louca, as companhias de seguros queriam continuar a subir os prémios e, se os bandidos conseguissem o que queriam, em breve o Peru chegaria à situação da Colômbia, onde os empresários, afugentados pelos terroristas, pelos vistos se estavam a transferir em massa para o Panamá e para Miami, para dirigir os seus negócios de lá — com tudo o que isso significaria de complicações, de gastos a mais e de perdas. E estava precisamente a dizer-lhe «Talvez tenhamos de ir nós também para o Panamá ou para Miami, amor», quando Quintanilla, o mordomo, apareceu no terraço: «A senhora Chabela, minha senhora.» «Passa-me

a chamada para o quarto», disse ela e, ao levantar-se, ouviu que Quique lhe dizia: «*Gringuita*, diz a Chabela que um destes dias ligo ao Luciano para nos encontrarmos os quatro.»

Quando se sentou na cama e pegou no auricular, as pernas tremiam-lhe. «Está, Marisita?», ouviu e respondeu: «Que bom teres ligado, tenho andado louca com tanto que fazer e pensava ligar-te amanhã de manhã cedinho.»

— Fiquei de cama com uma gripe fortíssima — disse Chabela —, mas já me está a passar. E com muitas saudades tuas, querida.

— E eu também — respondeu-lhe Marisa. — Acho que nunca passámos uma semana sem nos vermos, pois não?

— Estou a ligar-te para te fazer um convite — disse Chabela. — Aviso-te já que não aceito que me digas que não. Tenho de ir a Miami por dois ou três dias, há uns problemas no apartamento de Brickell Avenue e só se resolverão se eu for lá pessoalmente. Acompanha-me, convido-te. Já tenho bilhetes para nós, consegui-os gratuitamente com as milhas acumuladas. Vamos na quinta-feira à meia-noite, ficamos lá sexta e sábado, e regressamos no domingo. Não me digas que não porque senão fico terrivelmente zangada contigo, amor.

— Claro que te acompanho, que bom — disse Marisa; parecia que o coração lhe ia sair a qualquer momento pela boca. — Vou já agora mesmo dizer a Quique e se ele me puser qualquer impedimento, divorcio-me. Muito obrigada, querida. Super, super, que boa ideia.

Desligou o telefone e ficou sentada na cama ainda uns momentos, até se acalmar. Foi invadida por uma sensação de

bem-estar, uma incerteza feliz. Aquilo tinha passado e agora ela e Chabela iriam na próxima quinta-feira a Miami e, durante três dias, esquecer-se-iam dos sequestros, do toque de recolher, dos apagões e de todo aquele pesadelo. Quando voltou ao terraço, Enrique brincou com ela: «Quem a sós se ri, das suas maldades sem lembra. Pode-se saber porque é que te brilham assim os olhos?» «Não te vou dizer, Quique», namoriscou ela com o marido, atirando-lhe os braços ao pescoço. «Nem que me mates te digo. Chabela convidou-me a ir a Miami durante três dias e eu disse-lhe que se não me deres autorização para a acompanhar, me divorcio de ti.»

Citações & Quizz





«A pornografia é erotismo mal escrito»

Cinco Esquinas abre com uma cena erótica que marca parte do romance. A prova de que uma cena assim funciona é porque excita o leitor?

Se um romance em que o erotismo desempenha um papel importante não excita o leitor é porque fracassou. A função do romance é fazer com que o leitor saia da sua realidade e viva a do livro.

O escritor também se excita, ou está demasiado envolvido na mecânica do livro?

Bom, alguma excitação sexual deve sentir, é um aliciante na hora de escrever. Ao mesmo tempo, se não se chega a sentir um pouco deprimido quando se descrevem cenas comoventes, não creio que se esteja no estado de espírito ideal para o que se quer escrever. Um escritor vive todas as experiências que descreve, converte-se em assassino, em vítima, em amante. Ao mesmo tempo, tem de existir um certo controlo intelectual, porque a linguagem é uma matéria que se deve utilizar de forma muito consciente. Com emoção pura, não se escreve nunca um bom romance; sem a sensação de estar lá dentro também não.

Onde fica o limite entre o erotismo e a pornografia?

Na qualidade, exclusivamente. A pornografia é erotismo mal escrito.

É mais difícil consegui-lo numa sociedade que já viu de tudo, como a nossa?

Sim, porque há uma permissividade na qual quase não há segredos. O erotismo é uma representação com alguma coisa de teatral, é evidente, mas a privacidade é fundamental.

A invasão da vida privada durante a ditadura de Fujimori¹ é o grande tema deste romance. Foi assim na realidade?

A primeira cena procura, precisamente, recriar o ambiente da ditadura. Se não tivesse existido o recolher obrigatório, provavelmente essas duas senhoras não teriam de passar a noite juntas. E sem esse clima de claustrofobia, o sexo não teria aparecido nas suas vidas como um escape para as tensões. O toque de recolher obrigava a estar horas e horas fechado em casa, e isso teve grande influência nos hábitos das pessoas: se se juntavam para jantar, não tinham outro remédio senão passar a noite inteira. Havia uma atmosfera doentia de insegurança provocada pelo terrorismo, pelo contraterrorismo e pela delinquência comum... Não sabias quem te matava. Um clima assim altera tudo, incluindo as relações sexuais.

Não temeu que o que foi real na vida parecesse depois inverosímil num livro? Montesinos é uma personagem tão malvada...

Há personagens que são potencialmente uns monstros e que só aparecem como tal em circunstâncias concretas: em ditaduras, por exemplo. Recordo-me de ter visto em pessoa,

¹ Alberto Fujimori foi Presidente do Peru de julho de 1990 a novembro de 2000. Em abril de 1992, Alberto Fujimori dissolveu o parlamento e concentrou em si todos os poderes da investigação judiciária, do Ministério Público, do Tribunal Constitucional e da Magistratura Judicial. Presentemente, vive no Japão, para onde fugiu em 2000.

quando era estudante, o homem forte da ditadura do general Odría: Esparza Zañartu. Tinha um poder imenso e impressionou-me tanto a mediocridade do homem. Quase não sabia falar e era muito inculto.

[Entrevista a Javier Rodríguez Marcos, no diário espanhol *El País*, março de 2016.]

«Sexo intenso ou frenético, porque é visto como uma tábua de salvação»

Porquê este título, *Cinco Esquinas*?

Várias personagens saem dali. Há um facto central que ocorre em *Cinco Esquinas*. Além do mais, porque estamos diante de um emblema, de um símbolo do que é o Peru, do que é Lima. Cinco Esquinas foi o eixo da vida colonial. Teve uma queda brutal, depois uma ressurreição em meados do século XX, quando se converteu no bairro *criollo*, dos grandes compositores... E depois sofreu uma decadência terrível devido à violência, ao narcotráfico, à prostituição. Creio que esses altos e baixos, de alguma maneira, são um símbolo do Peru.

Porquê o destaque à imprensa cor-de-rosa e aos tabloides?

Houve uma coisa muito original na ditadura de Fujimori. As outras coisas não eram nada originais: a corrupção, a violência, os crimes, isso é normal. Mas a utilização do jornalismo cor-de-rosa, tabloide ou escandaloso, que foi subsidiado pelo regime e, também, criado com o objetivo de intimidar,

de castigar os adversários com o escândalo, o descrédito, com escândalos pessoais e familiares, muitas vezes investigados, de outras vezes inventados, isso era pura mentira.

E o conteúdo erótico do livro?

Eu creio que as situações excepcionais que vive uma sociedade ou um país muitas vezes encontram saída no sexo: sexo exacerbado, sexo intenso ou frenético, porque é visto como uma tábua de salvação para os que se sentem no fundo de um poço. Havia uma grande insegurança, uma criminalidade que aproveitava esse contexto terrorista para perpetrar os seus atropelos e delitos. Havia um clima que, por um lado, provocava uma certa asfixia, por outro, exacerbava a vida sexual.

[Entrevista a *Cuarto Poder*, Peru, fevereiro de 2016.]

«O jornalismo é um tema que impregna toda a história de *Cinco Esquinas*»

O Peru nunca desaparece de si.

Não, não. As experiências básicas, que são as da formação da personalidade, vivi-as no Peru. Conheci o Peru quando já tinha dez anos; antes tinha vivido na Bolívia e sempre com a ideia de que o Peru era o meu país, a minha pátria. E regressi a um país em que, em Piura¹, me chamavam estrangeiro, porque falava como um rapaz boliviano, e os companheiros

¹ Cidade do Norte do Peru, «a cidade do calor eterno», cenário do romance *O Herói Discreto*.

de Liceu me gozavam, diziam que eu falava como os tipos da serra...

Os que leram *Cinco Esquinas*² dizem que o romance tem uma grande carga erótica...

Pois tem, sim. Um dos rostos da história é uma relação erótica muito forte, que seguramente é como um refúgio... Quando não se pode escapar da realidade por outros meios, o erotismo é uma maneira de não viver a realidade que se rejeita. Mas se há um tema em *Cinco Esquinas*, um tema que permeia, que impregna toda a história, é o do jornalismo, o jornalismo de escândalos. Foi um caso muito interessante, porque a ditadura de Fujimori, sobretudo com Montesinos, o homem forte da ditadura, utilizou o jornalismo de escândalos como uma arma para desprestigiar e aniquilar moralmente os seus adversários. Ele contratava jornalistas, pagava a jornais. Em nenhuma das experiências ditatoriais que vivi no Peru o jornalismo se tinha convertido num instrumento tão eficaz para calar e liquidar a oposição, sem aparentemente fazer política, só descobrindo que os opositores eram uns escandalosos, ladrões, pervertidos... Toda uma série de calúnias vis para quem se atrevesse a enfrentar e a criticar o regime. Esse é um dos temas centrais da história. Ao mesmo tempo, também aqui está o outro rosto do jornalismo, que pode ser vil e sujo, mas que pode converter-se num instrumento de libertação, de defesa moral e cívica de uma sociedade. Essas duas caras do jornalismo, que não aparecem

² Na altura em que o jornalista, escritor e editor Juan Cruz fez a entrevista, outubro de 2015, o romance ainda não tinha sido publicado.

apenas no Peru, mas em todos os países e sociedades do mundo, são um dos temas centrais de *Cinco Esquinas*.

[Entrevista a Juan Cruz, no diário espanhol *El País*, outubro de 2015.]

«O erotismo supõe um certo grau de civilização»

Que significado tem este romance na sua carreira?

Este romance, como praticamente todas as histórias que escrevi, nasceu de uma maneira para mim misteriosa. Eu tinha uma ideia, que era contar uma história sobre o jornalismo cor-de-rosa, o jornalismo de escândalos, que creio que é uma das características do nosso tempo. Creio que esse tipo de jornalismo floresce por todo o lado, tanto no mundo desenvolvido como no mundo subdesenvolvido. É um tipo de jornalismo que teve um significado muito especial na época da ditadura de Fujimori, no Peru, pois a ditadura utilizou o jornalismo de escândalos para intimidar os opositores, para tratar de chantagear os críticos ao regime com a ameaça de um escândalo que não tinha que ver com a sua profissão mas com a vida privada, que muitas vezes eram coisas simplesmente artificiais, inventadas, calúnias para sujá-los com o ridículo e o desprestígio. Isto, a ditadura fê-lo de uma maneira sistemática com os seus críticos.

O livro começa com uma situação erótica não convencional...

Acho que é o tratamento do erotismo que é determinante para que o erótico seja elegante ou vulgar, para que seja subtil ou cru. São as palavras, a forma de conceber a cena... Na verdade, o erotismo supõe um certo grau de civilização. E creio que numa sociedade ou povo primitivo não existe erotismo. O sexo é a libertação de instintos. No sexo prevalece mais o animal do que o sensível. O erotismo surge num momento da civilização em que se vai *desanimalizando* o instinto sexual e este é enriquecido com contribuições geralmente da arte, da literatura. Surge uma certa teatralidade do ato amoroso. E isso é o erotismo. Quando isto se degrada – pela pobreza dos meios, pela torpeza, pela falta de talento de quem o descreve – então aparece a pornografia. Mas eu penso que o erotismo tem que ver com a civilização, com o cuidado com as formas, com uma certa cultura, que é o que sublima realmente o puro instinto sexual.

[Entrevista a Eugénia Cué, diário *ABC*, Espanha, abril de 2016.]

«Essa enorme insegurança em que se vivia é um ambiente muito estimulante para um escritor»

Volta a Lima como cenário de romance.

Lima é a cidade onde vivi mais tempo no Peru. Vivi mais no estrangeiro, mas em Lima tive as experiências mais importantes da minha vida, nesses anos em que se forma a personalidade

e o carácter de uma pessoa: a infância, a primeira maturidade. Esses anos eu vivi-os no Peru e marcaram-me muitíssimo. Por isso é que o Peru regressa sempre em tudo o que escrevo, de tanto em tanto tempo.

Quanto tempo demorou a escrever *Cinco Esquinas*?

Dois anos, três versões e um primeiro rascunho. Foi um romance que foi fluindo, a partir de certa altura, de uma maneira inesperada porque há uma personagem, a Retaquita, que se me foi impondo até se converter na grande protagonista da história e também na personagem que redime a sua profissão, o jornalismo. Desse mundo horrível do jornalismo utilizado pelo poder para sujar as pessoas, os adversários, os críticos, ela – numa atitude heroica e arriscada – arrisca a sua vida e resgata o jornalismo dessa função sinistra que lhe empresta a ditadura, e converte-o no seu melhor: o da denúncia, o que conta a verdade sobre as mentiras.

Porquê situar o romance no estertor do regime de Alberto Fujimori?

Porque essa é uma época que eu recordo com uma enorme perturbação. Uma época de enorme insegurança. Matavam uma pessoa e não se sabia que tinha tido o Sendero Luminoso¹, o MRTA², o Exército, o Grupo Colina³, ou criminosos

¹ A designação oficial é Partido Comunista do Peru – Sendero Luminoso, de inspiração maoísta, reivindicou numerosos atentados no país.

² Movimento Revolucionário Túpac Amaru, inspirado nos nomes de Túpac Amaru I, último líder inca da dinastia de Vilcabamba (século XVI), e de Túpac Amaru II, indígena nobre que comandou a grande rebelião contra o domínio espanhol (século XVIII).

³ Grupo paramilitar peruano fundado nos anos 80, ainda durante a presidência de Alan García. O seu objetivo era o de perseguir e vigiar grupos terroristas.

comuns que utilizavam a política como um escudo para cometerem as suas atrocidades. Ao mesmo tempo, havia o recolher obrigatório, apagões todas as noites. Essa enorme insegurança em que se vivia, essa incerteza absoluta sobre o futuro é um ambiente muito estimulante para um escritor.

[Entrevista a Nilton Torres, de *La República*, Peru.]

«O romance vai a pouco e pouco converter-se num *thriller*»

O seu romance arranca de forma chocante com um orgasmo lésbico entre duas amigas supostamente heterossexuais.

É um pouco forte, sim. Eu queira que começasse desta maneira para dar um pouco o ambiente em que decorre a história. O contexto é fundamental para se entender o romance: são os últimos três meses da ditadura de Fujimori e de Montesinos, e havia muita violência. Nem sequer se sabia muito bem de onde esta vinha: havia os terroristas do Sendero Luminoso, os do movimento Túpac Amaru, os paramilitares do Grupo Colina, ou simples delinquentes...

Quer dizer que o terrorismo e a violência provocavam o desejo de experimentar outro tipo de relações?

As situações extremas provocam sempre uma espécie de estalido sexual em direções imprevistas.

Ao começar a ler, haverá sempre quem pense tratar-se de um romance erótico do tipo *Elogio da Madrasta* e de *Os Cadernos de Dom Rigoberto*...

Sim, eu entendo, mas não é essa a intenção do livro, nem pensar. Creio que esse começo nos situa num mundo muito diferente do da normalidade. Depois, o romance vai a pouco e pouco converter-se num *thriller*.

A tensão sexual mantém-se até ao fim do romance, mas também há uma dura crítica ao governo de Fujimori e a certo tipo de imprensa que se alia ao poder...

O sexo é um ingrediente importante do livro, é claro; mas, efetivamente, a história é mais sobre a forma como um sistema político aproveitou o jornalismo na sua pior versão para desacreditar os adversários e para anular os seus críticos; é o jornalismo cor-de-rosa e de celebridades ao serviço do poder.

A sua crítica a esse tipo de jornalismo tem que ver com o seu recente protagonismo na «imprensa do coração»?

Não, não. Felizmente aquilo era muito diferente do mundo que vivemos aqui.

Que o Prémio Nobel Mario Vargas Llosa, aos 79 anos, se divorcie e se volte a casar é motivo de capa de qualquer revista em qualquer país...

Na verdade, não sei... Há que reagir com um espírito desportivo.

Onde vive a maior parte do seu tempo?

Num avião... Vivo no Peru, aqui em Espanha, em Nova Iorque...

Onde escreve?

Escrevo onde estou. Em aviões, em hotéis... Não tenho nenhuma dificuldade em escrever em qualquer sítio em que

esteja. Como viajo muito, escrevo bastante durante as viagens e faço-o sempre à mão, em cadernos.

As suas casas acabam por se converter em bibliotecas. Em Madrid, a da Calle Flora é a sua grande biblioteca?

Não, a minha grande biblioteca está em Lima, no Peru. Essa é a principal, onde tenho a maior quantidade de livros. Depois, a da Calle Flora. Depois, Paris. O mais curioso é que há livros que releio muito e que tenho em triplicado, repartidos pelas diferentes casas...

[Entrevista a Virginia Drake, *ABC, XL Semanal*, Madrid, fevereiro de 2016.]

«O livro é uma crítica muito radical ao que são as ditaduras»

Em *Los Nuestrros*, o livro que Luis Harss¹ publicou em 1966, o ensaísta dedica-lhe este parágrafo: «O escândalo e a publicidade são a última coisa que algum de nós pensaria em associar a Vargas Llosa.» E agora um jornal espanhol coloca como título da crónica da apresentação do seu livro esta frase: «Vargas Llosa gabou-se de sexo diante das amigas íntimas de Isabel.» Pois assim é a vida: o escândalo e a publicidade vieram ao meu encontro, não fui eu que os procurei. Infelizmente esse é um fenómeno do nosso tempo, já não existe espaço privado,

¹ Escritor chileno, autor de *Los Nuestrros*, onde entrevistou, em 1966, os escritores-chave do «boom Latino Americano».

tudo é alimento para a indústria de fofocas que se infiltrou até nos órgãos de comunicação mais sérios. Eu tive de apresentar uma queixa ao *The New York Times*, que entrou nessa fofoca idiota com uma calúnia, na qual informava de um Twitter (que eu não tenho nem nunca terei), em que eu fazia publicidade da minha vida privada. E que também disse que eu tinha vendido toda a minha história sentimental para a revista *Hola!* e que tinha recebido 180 000 dólares, uma coisa verdadeiramente infame. O *The New York Times*, que a gente imagina que é um jornal sério, de repente dá-me um banho de invenções!

Um dos eixos do livro *Cinco Esquinas* é, precisamente, uma crítica à imprensa sensacionalista. O senhor acabou de rever o manuscrito no meio...

... dessa confusão, sim. Mas tudo o que tem que ver com esses pasquins eu já tinha escrito antes, sempre foi um dos assuntos centrais da história. Não faz sentido associar o livro com a minha vida sentimental. Mas eu, justamente, vi-me envolvido em toda essa publicidade ao mesmo tempo que o livro era publicado, e isso criou uma imagem muito inexata do que é *Cinco Esquinas*. O livro é uma crítica muito radical ao que são as ditaduras e à forma como elas usam a imprensa para calar as críticas e para impedir que a oposição seja exercida em condições de mais ou menos equidade, de normalidade.

O senhor comentou que o «clic» do livro foi a imagem de duas mulheres juntas, que é a cena inicial do livro. Como é que isso levou a uma história sobre a corrupção e o terror no final do governo de Fujimori?

Na verdade, a história do livro surge antes dessa cena entre as amigas, mas parece-me que ela ilustra muito bem o clima que existia no final da ditadura de Fujimori: o terrorismo, o recolher obrigatório, a incerteza e o medo de ser vítima dos grupos que espalhavam o terror. Esse clima, entre outras coisas, também exacerbava muito a vida sexual. Para muita gente, o sexo chegou a transformar-se numa tábua de salvação, era o que permitia esquecer toda a insegurança e o caos em que se vivia. Achei que a imagem dessas duas senhoras que jamais tinham tido algum tipo de vocação homossexual e que, de repente, por causa do recolher obrigatório, do toque de recolher, têm de passar uma noite juntas e vivem uma experiência insólita em suas vidas, criava o clima adequado para contar a história.

E a questão da imprensa sensacionalista?

Eu queria contar uma história relacionada com a utilização do jornalismo sensacionalista pela ditadura de Fujimori. Como eles usaram o jornalismo de escândalos para intimidar os críticos. Foi uma política sistemática executada por Vladimiro Montesinos, que financiava esses pasquins e se gabava de redigir as manchetes daqueles jornaizinhos que eram pendurados nas bancas, nas ruas, por meio dos quais eles estavam interessados em chegar ao grande público. E a verdade é que eles o conseguiram, porque mergulharam em lixo todos os que se atreviam a criticar o regime.

[Entrevista a Ezequiel Martínez, diário *El Clarín*, Argentina, março de 2015.]



Quizz *Cinco Esquinas*

Aqui estão dez perguntas que apelam à sua atenção e ao gosto pelo pormenor. As respostas corretas podem ser consultadas em <http://quetzal.blogs.sapo.pt>

1. De que cor são os sapatos de Rolando Garro, diretor do semanário *Destapes*, no seu primeiro encontro com Quique, o engenheiro Enrique Cárdenas Sommerville?
 - a) Pretos
 - b) Amarelos
 - c) Azuis
 - d) Laranja

2. Como se chama o grupo de humoristas em que participava Juan Peineta?
 - a) Los Tres Chistosos
 - b) Los Locos Hermanos de Arequipa
 - c) Los Nuevos Panchos
 - d) Los Poetas de Lima

3. Como se chama o restaurante (propriedade da senhora Mendieta) onde Ceferino Argüello e a Retaquita (acabada de chegar do encontro com o Doutor) vão conversar sobre as célebres fotografias de Chosica?
- a) Los Siete Pescados Capitales
 - b) La Delicia Criolla
 - c) Versailles
 - d) La Catedral
4. Em que universidade se formou Enrique Cárdenas?
- a) Nacional de Ingeniería
 - b) Harvard
 - c) MIT, Cambridge
 - d) Católica de Lima
5. Em que jornal Rolando Garro faz os seus primeiros ataques contra Juan Peineta?
- a) *La República*
 - b) *Destapes*
 - c) *Última Hora*
 - d) *El Correo de Lima*
6. Que escola frequentam as filhas de Luciano e de Chabela?
- a) Colégio Madre Esperanza de la Purificación
 - b) Colégio Franklin Delano Roosevelt
 - c) Colégio Central de Miraflores
 - d) Escuela Ignacio Merino

7. Que pequeno-almoço escolhe Julieta Leguizamón, a Retaquita, no seu primeiro e único encontro com o Doutor?
- a) Ovos quentes com *tortilla* de milho
 - b) Sumo de fruta e café
 - c) Fruta e café
 - d) Torradas e ovos
8. Na nova fase da existência do semanário *Destapes*, quem é a primeira vítima das suas campanhas?
- a) Valderrama Alarcón
 - b) Willy Arica Mayor
 - c) Arrieta Salomón
 - d) Ayala Mindreau
9. Um dia, aparece um gato no pobre quarto de Juan Peineta, no Hotel Mogollón, que ele batiza com o nome de um dos seus autores peruanos preferidos. Qual o nome do gato?
- a) *Mario*
 - b) *Vallejo*
 - c) *Serafín*
 - d) *Alfredo*
10. Como se chama a bebida popular evocada por Retaquita e em cuja composição entram cevada, linhaça, boldo e cavalinha?
- a) Pisco Sour
 - b) Chicha
 - c) Canelazo
 - d) Emoliente





Sobre o Autor

MARIO VARGAS LLOSA

«Posso agradecer ao meu país pelo que sou como escritor; o Peru ofereceu-me as experiências do que escrevo», disse Mario Vargas Llosa (Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, nascido em Arequipa, no sul do Peru, a 28 de março de 1936) no dia em que lhe foi atribuído o Prémio Nobel da Literatura. O Peru foi uma espécie de epicentro dos terremotos causados pelos seus romances, de *A Cidade e os Cães* (de 1963) até *O Herói Discreto* (de 2013). *Cinco Esquinas* é outra das formas de regressar a esse país, com uma história que evoca os anos da ditadura de Alberto Fujimori, e que reúne duas das grandes dimensões da sua obra: a política e a erótica. Nobel em 2010, recebeu os mais importantes prémios da sua língua: o Leopoldo Alas em 1959 (pelo seu primeiro livro de contos), o Biblioteca Breve em 1963, pelo seu primeiro romance; depois, o Rómulo Gallegos (1967), o Príncipe das Astúrias (1993), o Planeta (1993) e o Cervantes (1994).



Este livro contendo o primeiro capítulo de *Cinco Esquinas*, de Mario Vargas Llosa, publicado por Quetzal Editores, foi composto em caracteres da família Caslon, inspirados na tradição barroca holandesa do século XVII e originalmente desenhados, em 1722, pelo tipógrafo e gravador inglês William Caslon (1692-1766) – um trabalho que influenciou toda a história da tipografia moderna. Este livro foi impresso por Bloco Gráfico, Lda., em papel Munken Pocket Cream/80 g, durante o mês de maio de 2016. A vinheta foi desenhada por Rui Rodrigues.